

## CAPÍTULO 2

### CONTROVÉRSIAS DAS SEXUALIDADES: UMA ANÁLISE SOBRE O FILME “SERÁ QUE ELE É?” DE FRANK OZ.

**José Welington de Jesus**

Escritor, Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Sergipe- UFS, Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, Especialista em Gênero Sexualidade pela Faculdade Vale de Imigrante – FAVENI - MG

---

#### RESUMO

As produções cinematográficas podem ser consideradas, atualmente, um importante elemento de ligação, além de ser agente, fonte e representação da história. O desenvolvimento dos filmes é muito mais antigo do que se pode imaginar e a construção do cinema se dá como forma de expressão cultural, fornecendo fontes para possíveis estudos relacionados à história, desde a época em que foram produzidos. O cinema expressa a cultura, além de representar, reproduzindo uma realidade percebida e interpretada, fazendo o espectador refletir e tornar-se crítico. O trabalho a seguir analisa, a partir de uma resenha crítica do filme “Será que ele é?”, a importância do cinema para a sociedade, sobretudo na construção das identidades dos homossexuais, na constante luta pela busca de direitos e segurança social. Trata-se de uma resenha crítica, de caráter qualitativo e narrativo, aliada a uma revisão de obras bibliográficas, em idioma português, dispostas em bases de dados e estudos acadêmicos, datados entre 1978 a 2006. Os indivíduos *gays* lutam diariamente pelo reconhecimento da sua liberdade e respeito pelos demais cidadãos. É justificável, assim, a realização do trabalho, para que se torne um material de relevância para futuros estudos científicos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cinema. Homossexuais. Liberdade. Direitos.

#### CONTROVÉRSIAS DAS SEXUALIDADES

O referido trabalho diz respeito à análise do filme “**Será que ele é?**” (Estados Unidos), de 1997, produzido pelo diretor Frank Oz<sup>1</sup>. A película

---

<sup>1</sup> Diretor e produtor de televisão, o anglo-estadunidense Richard Frank Oznowicz é famoso por seus fantoches e personagens de programas como *Sesame Street* e *The Muppet Show*. Foi diretor de filmes muito reconhecidos, entre eles: *Nosso Querido Bob* (1991), *Como Agarrar um Marido* (1992), *A Cartada Final* (2001), *Mulheres Perfeitas* (2004) e *Muppet Guys Talking* (2017). Em “Será que ele é?”, Oz consegue fazer duras críticas à atual sociedade, que reluta em aceitar

narra a história de um professor de literatura de uma modesta cidade norte-americana, que se vê em uma conturbada e conflitante descoberta da sua sexualidade, após seu ex – aluno afirmar em rede nacional que ele foi sua inspiração para uma interpretação de um personagem gay. Logo após o episódio toda a cidade passa a comentar sobre ele, uma série de especulações absurdas, com o objetivo de desvendar o que durante muito tempo não veio à tona, logo, escondido, mas que agora era necessário saber.

Dentro dessas investidas normativas e regravativas, que partiremos para a análise realizada a partir das falas e das performances corporais apresentadas no filme, podemos perceber, descrever e analisar a maneira pela qual os discursos são incorporados e retomados às relações sociais de identificação, nessa perspectiva da análise minuciosa dos sujeitos através de pré-noções que atravessam o senso comum como sendo verdades absolutas. Por conseguinte, o cinema é um espaço de trocas de possibilidades identitárias, ao tempo que produz e reproduz através das relações entre os vários agrupamentos que produzem os filmes, a exemplo dessa relação tem-se a interação com determinados públicos consumidores, que possibilitam a interação e incorporação desses códigos culturais, assim como um retorno que é significado e ressignificado do que é proposto pela película exposta.

Merece destaque, a partir deste ponto, tratar de um assunto de relevância ao que se diz respeito no contexto sociocultural brasileiro. Nos últimos anos, o surgimento de algo que se pode elencar como novos sujeitos sociais, atrelado ao grande avanço dos meios de comunicação sob censura, fez com que estudiosos sociais começassem a pensar no significado dessas novas práticas. Ou seja, o aparecimento desses indivíduos provocou algumas mudanças à sociedade, levando a uma reflexão mais ampla acerca do papel histórico dos “novos movimentos sociais”. Os estudos antropológicos adquirem ainda mais importância dentro do contexto social, porque consegue encontrar mudanças profundamente marcantes ao pensamento latino-americano, levando a uma discussão a respeito da teoria das mediações, proposta por Jesus Martín-Barbero.

Seguindo o que se propõe na teoria das mediações culturais, os estudiosos alinham uma visão mais ampla e mediada para o entendimento do papel dos meios de comunicação. Ou seja, desde o momento em que essas formas de entretenimento e transmissão de informações passaram a fazer parte do cotidiano humano, diversas mudanças foram sendo visualizadas e encaradas e boa parte das pessoas ainda não haviam se preparado para isso. O rádio, a TV, os aparelhos de celular e as redes

---

qualquer tipo de diferença. A obra trata da homossexualidade de uma forma respeitosa e livre de preconceitos, apesar de conseguir levar os espectadores a tirar suas próprias conclusões e interpretações acerca do modo como estão tratando aqueles que possuem orientação sexual diferente. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Frank\\_Oz](https://pt.wikipedia.org/wiki/Frank_Oz)>.

sociais são importantes ferramentas construtoras de identidades e formadoras de culturas e é preciso ter ciência e cuidado sobre como isso afeta a compreensão humana.

Nesses meios de comunicação, o conteúdo é polissêmico. Ou seja, quando uma situação/expressão é capaz de apresentar dois ou mais sentidos e é justamente a interação entre os emissores e receptores que constrói o discurso dos meios de comunicação. Mediações são apropriações, recodificações e ressignificações propostas pelos emissores e esse processo é contínuo, em que há uma grande relação entre cultura, política e fenômeno comunicacional. A comunicação, nos últimos anos, tem mediado as formas de cultura da humanidade e essa situação interfere na forma como se percebe e se entende o mundo. É, portanto, um grande desafio da humanidade, interpretar corretamente certos pontos apresentados pela mídia, a fim de não acabar “contaminando” outras pessoas e forçando a formação de um padrão cultural, que não aceita a existência de diferenças entre seres humanos.

O eixo cômico que o filme retrata promove a abertura de um espaço de reflexão crítica dos territórios produtores e reprodutores de inimagináveis identidades estereotipadas em torno da homossexualidade masculina – a exemplo do filme: discursos que colocam o homossexual masculino como um ser “afeminado”, bem como na imagem de um ser “passivo”, ou do “melhor amigo *gay*” de uma mulher. Um território que aloca identificações de sujeitos disparatados de forma satírica e, são esses elementos que se desdobram em identidades encontradas tanto na percepção e na atuação dos sujeitos *gays* como na percepção de elementos apontados pelos sujeitos não *gays*. Em síntese, o cinema aparece no filme enquanto um dispositivo que dispersa discursos provenientes de certos campos dos saberes, como por exemplo, a medicina e a psiquiatria, através de uma percepção e leitura que advém do senso comum. Dessa maneira, o cinema se torna produtor, assim como produto da realidade em que se encontra submerso.

De fato, o tratamento acerca da homossexualidade passou por algumas transformações ao longo dos anos, sobretudo no que diz respeito aos ideais da medicina e da psiquiatria. O século XIX foi, talvez, o principal “divisor de águas” na vida das pessoas que possuem diferente orientação sexual. Inicialmente, as principais áreas do saber tratavam a homossexualidade como doença, chegando, judicialmente, a oferecer terapias capazes de fazer com que homossexuais tornem-se heterossexuais. Inclusive, pesquisas foram autorizadas a respeito do tema, em que os tratamentos propunham uma “reorientação sexual” ou, mais precisamente, a “cura *gay*”. Esse termo ficou conhecido até pouco tempo e esteve muito presente na sociedade brasileira, levando outros indivíduos a tratar o caso de modo pejorativo.

A própria Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano de 1948, tratou e oficializou a homossexualidade como uma doença, seccionando, inclusive, uma versão da Classificação Internacional de Doenças (CID) para

os homossexuais como sendo uma doença mental, ou “desvio sexual”. Muitos protestos, ao longo dos anos, foram realizados por Grupos Gays, a fim de mudar esse pensamento social sobre os indivíduos homossexuais, recebendo apoio de outras entidades. As primeiras vitórias acontecem a partir de 1985, quando a OMS corrige a ideia de apresentar uma CID para a homossexualidade e a retira do quadro de doenças mentais e, em 1999, o Conselho Federal de Psicologia veta a promoção de terapias para a “cura gay”. São mudanças que demoraram a dar resultado e, atualmente, muito há de se comemorar, sobretudo para a sociedade homossexual, diante dessas situações.

Logo, neste caso, o audiovisual dentro do campo do cinema foi pensado e analisado enquanto campo de pesquisa que fornece dados para se pensar a produção das especificidades das relações humanas, de modo que uma obra cinematográfica se torna território para expressão e manifestação de poder<sup>2</sup>, assim como para a produção de contrapoderes – de certo modo, a linguagem cinematográfica chama a atenção para realidades, levantando questões e produzindo hipóteses, fazendo com que as pessoas consigam criticar determinadas situações e isso é, até certo ponto, uma relação de poder. No entanto, o ponto chave está no modo como a linguagem é interpretada e transmitida, pelos espectadores, a outros indivíduos. Os próprios seres humanos são, assim, o contrapoder do cinema.

Enquanto produto do desdobramento da reflexão analítica, faz-se necessário chamar atenção para o referencial teórico-epistemológico do texto, ou seja, alguns conceitos e teorias de sociólogos, antropólogos e filósofos que promoveram uma desnaturalização das práticas sexuais, assim como uma “dessencialização<sup>3</sup>” na perspectiva da produção de gêneros, como, no caso, teóricas Margaret Mead (1951), Judith Butler (2003), e os teóricos Marcel Mauss (1974) e Michel Foucault (1978), entre outros. Por fim, acerca da indústria cinematográfica, aqui entendida como um anunciador onde o discurso atravessa produzindo e reproduzindo formas estereotipadas de ser homossexual, ou seja, proporcionando, em certa medida, verdades obscuras como por exemplo, que todos agem da mesma forma e, em sociedade, se portam de modo desrespeitoso para com outros homens. Nesse sentido, a obra cinematográfica é o lócus da investigação, torna-se nosso objeto a ser descrito e analisado, o campo empírico em que se desenvolvem as relações necessárias para a produção

---

<sup>2</sup> Michel Foucault (1926-1984) foi um dos principais autores na discussão sobre o poder e, segundo o próprio filósofo, “poder” é a capacidade de afetar o comportamento de outras pessoas, impondo a própria vontade numa relação social e em todas as relações humanas há relação de poder. Ou seja, o cinema consegue, de certa forma, influenciar pessoas e transmitir essas ideias de poder e dominação.

<sup>3</sup> É um processo de dessencialização das relações de produção dos gêneros. Sobre isso, ver: BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual, Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

de sujeitos homossexuais.

A obra cinematográfica aqui analisada, de pronto produz uma representação do sujeito *gay* e ao mesmo tempo desconstrói essa ideia, essencializada, advinda dos gêneros, visto que em cada cena há performances ditas “*gays*”, sendo operadas por vários personagens não *gays*. Como em uma passagem em que os amigos do personagem principal estão assistindo aos filmes de Barbara Streisand<sup>4</sup>, os alunos assumindo uma suposta homossexualidade para proteger o seu professor que estava sendo alvo de preconceitos e ao final do filme todos dançando uma música *gay*, essas sem sombra de dúvidas são maneiras de subverter identidades essencializada. Essa é, portanto, mais uma questão a se considerar no campo da criação de “poderes”. Ou seja, músicas são universais e atingem, até certo ponto, públicos iguais. A forma como as pessoas interpretam as letras das músicas fazem com que estereótipos sejam criados, levando a exclusões ou delimitações. O próprio filme já leva a essa ideia, em que o espectador interpreta a música como sendo *gay*, justamente por essa padronização das canções.

A capa e o pôster de divulgação do filme, quando analisados de uma forma minuciosa, trazem a possibilidade de se identificar e analisar dois pontos a serem mencionados: a postura corporal performática para a dança e o buquê que o personagem carrega. A cena que separa o personagem principal da heterossexualidade e o coloca como homossexual é a dança e isso pode levar o espectador a se questionar acerca dos motivos que fazem com que a dança é algo feminino. Ou seja, é mais um estereótipo criado pela sociedade, em que somente as mulheres podem, ou são capazes de dançar e, quando um homem realiza atos de dança, é considerado homossexual. A dança aqui exposta no filme ganha uma característica como se fosse relacionada ao universo *gay*. As flores, ou o próprio buquê, por sua vez, estão padronizadas, pela sociedade, às mulheres. Vinculação aparente da prática homossexual à performance de gênero.

Se nos atentarmos quanto ao nome do filme, quando traduzido para a língua portuguesa temos uma pergunta: “será que ele é?”, o que demonstra que é uma questão evidente de performance de gênero e não sexual. Haja vista que em todo o desenrolar do filme, as dúvidas que são encerradas sobre ele se dão no plano de uma atitude de gênero. Ou seja, são as maneiras de gesticular, falar, andar, gostos musicais e de filmes, vestimentas, dentre outros elementos, que estão sendo avaliados e analisados como um requisito para a homossexualidade ser ou não existente.

O filme em questão anuncia e traz à baila elementos para se refletir

---

<sup>4</sup> Importante defensora, sobretudo nos anos 80, da causa LGBT. Ícone *gay*, nomeada como uma das “25 mulheres mais legais” (*The Advocate*), colocada entre os “12 maiores ícones *gays* femininos of All Time”, pela revista *Out*.

e analisar de que maneira se dão as produções e reproduções identitárias que circunscrevem os sujeitos homossexuais, nesse caso, masculinos. Evidencia-se que a construção aqui analisada se dá através da busca por uma masculinidade que age em prol de uma sexualidade apropriada. Nota-se, então, que a sexualidade está atrelada ao gênero que se carrega socialmente. Este apresenta-se como pré-requisito para a manifestação do outro. Nesse caso, a normatividade sexual está inevitavelmente ligada aos sujeitos que possuem genitálias opostas, e que as utilizam como objeto de desejo de um para o outro. A masculinidade torna-se um ponto de apoio no “ser homem”, logo, o que não é da ordem masculina é da ordem feminina e, portanto, é inferior, passivo. Como destacado por Bourdieu (2005):

Se a relação sexual se mostra como uma relação social de dominação, é porque ela está construída através do princípio de divisão fundamental entre o masculino, ativo e o feminino, passivo, e porque este princípio cria, organiza, expressa e dirige o desejo – o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinação erotizada, ou mesmo, em última instância, como reconhecimento erotizado da dominação. (BOURDIEU, 2005, p. 31).

Ainda assim, vale ressaltar que a sexualidade humana, embora caia nessa (di)visão que Bourdieu propõe quanto aos modos de ser homem x ser mulher, quando se refere aos modos de viver essa sexualidade, há nuances que vão para além dessa divisão entre um polo e outro.

O filme é ambientado em uma pequena cidade norte-americana denominada de Greenleaf. Logo de início, os planos de filmagens aparecem em paisagens bucólicas, arquiteturas típicas das pequenas cidades norte-americanas, talvez, esta seja uma estratégia fílmica para apresentar um lugar pacífico, que vive dentro de uma pseudo **morale** de **bons costumes**, onde não há lugar para a manifestação do que se encontra fora dos padrões estabelecidos e definidos como verdades. Quanto a isso, não há dúvidas de que, embora com grandes metrópoles e com a capital do mundo (Nova Iorque), o mundo é rural e, por isso, viver a sexualidade num lugar assim ainda é bastante diferente e represado, se comparado a ser *gay* numa cidade maior. Toda a cidade está eufórica, pois um dos seus habitantes, Cameron Drake (Matt Dillon), está concorrendo ao Oscar de melhor ator, com a atuação de um soldado *gay*. Todos estão envoltos de suas televisões esperando o resultado. Em um desses planos está Howied, um professor de literatura e sua noiva Emily. Ele, um distinto cavalheiro, elegante, inteligente, limpo, escuta “MachoMan”<sup>56</sup> em seu despertador, adora dançar,

---

<sup>5</sup> Música de 1978, interpretada pelo *Village People*, celebra a ideia da masculinidade, em que os homens másculos, ou, nesse caso, “machos”, precisam ter corpos fortes e desejados, além

dentre outras características abordadas pelos alunos.

Enquanto características que os sujeitos carregam socialmente e até mesmo o sexo que lhe é expresso como sendo um dado natural onde a cultura age, através do gênero, é na verdade um instrumento do poder exercido sobre os corpos, pois antes de nascer, mesmo quando se é uma promessa, um porvir, tem-se sobre esse pensamento um corpo esteticamente modificado, haja vista que se espera do corpo um medidor de diferenças, neste caso, o sexo, onde haverá as investidas dos discursos normatizadores, conforme visto em Foucault (1978), promovidos pelas instituições que propagam verdades absolutas. Permite-se a produção de um gênero social com base em uma diferença anatômica, para que emergja um sujeito com uma prática sexual “normal” a exemplo da descrição de Bourdieu, a heterossexualidade, onde o homem exerce o papel de domínio (ativo) perante a mulher que se coloca como dominada (passiva). Desse modo, percebe-se que não há um dado natural onde a cultura age, a cultura, através dos discursos e poderes, está anteriormente dada às vontades individuais, o que não implica em uma submissão do sujeito, pois há uma série de agências (relacional, transformativa, crítico- colaborativa e desencapsuladora) girando e emergindo dos agentes sociais e, são essas agências que promovem as rupturas nos *continuums* relacionais. Por este motivo é que não há uma linearidade como se quer: mulher – feminilidade – passividade – maternidade; ou homem – masculinidade – virilidade – paternidade. Uma mulher pode com igual rigor ser feminina e viril, assim como um homem pode ser masculino e frágil.

Seguindo o roteiro da película, já em certa parte do filme, mais especificamente no momento da entrega do Oscar, o resultado é apresentado: “E o Oscar de melhor ator vai para: Cameron Drake!”. Eis o agradecimento que muda a narrativa do filme, Cameron dedica o prêmio ao seu ex-professor, que tanto lhe inspirou. “Agradeço a Howied. “Ele é gay”. “Um grande professor gay!”.

Logo, toda a cidade que assistia ao prêmio fica perplexa com a novidade. Após a suposta revelação, os pais do ator principal chegam à residência dele. Daí emerge a primeira afirmação negativa, como era de se esperar, e que irá durar durante quase todo o filme. “Eu não sou gay!”. O telefone toca, ele atende. “Eu não sou gay”. Já pela manhã, o despertador toca “Macho Man”. A ida à escola é de bicicleta e sua roupa é calça jeans, camisa de botão, gravata borboleta e blazer. Quando ele chega à escola, percebe que há uma série de carros da imprensa que desejam saber se ele é gay. “Eu vou me casar, eu não sou gay”. Seria o casamento uma instituição que separa o ser do não ser, um ideal heteronormativo de gênero, pois produz homens e mulheres para desenvolverem suas práticas sexuais

---

de manter uma boa aparência física, deixando clara a ideia de se buscar uma forma viril e desejável.

um para o outro, somente com fins reprodutivos? Se assim for, o que explica homossexuais quererem casar? O direito de terem os mesmos direitos?

Um dos pontos que chamam a atenção diz respeito à representação que é conferida à sala de aula através das investidas normativas de gênero em torno da sexualidade do professor pelos alunos e, até certo ponto, pelas alunas. Nesse sentido, a escola apresenta-se enquanto instituição formadora e reprodutora dos gêneros e sexualidades e a escola configura e formata essa polarização, por exemplo, nas aulas de Educação Física, com atividades separadas para os sexos. Essa instituição perpassa o filme, deixando evidente o papel dela na formação dos sujeitos homens e mulheres. Ela tem o papel de esquadrihar desejos e vontades dos sujeitos a partir da socialização secundária, a qual se dá por intermédio da relação fora do ambiente familiar. Essa socialização é vista como educação, por isso, na maioria dos casos, não é repensada ou revisada. Fica sempre exposta como um dado em si. Uma substância. Uma verdade naturalizada – [acontece que, nesses espaços de socialização e sociabilidade, há de forma incisiva as produções das identidades dos sujeitos, assim como da manutenção delas com base em modelos de verdade]. Evidencia-se que nas sociedades ocidentais, a instituição escola molda os indivíduos de acordo com a regra geral para os gêneros e sexualidades. Nesse caso, vale mencionar que além da socialização primária – representada pela família – e da secundária (escola), não se pode perder de vista que o filme/audiovisual/cinema também aparece como uma forma de socialização cultural para além do espaço familiar e escolar, enquanto produto cultural, e isso também permite impactar nas subjetividades.

Seguindo a narrativa fílmica, ao chegar na sala de aula, o professor se depara com a turma em silêncio, e uma das alunas pergunta se é verdade que o professor é *gay*: “É claro que não. Vou me casar em três dias!”. Em determinado momento, um dos alunos diz saber o motivo dele ter sido chamado de *gay* em rede nacional, descrevendo-o: vestir-se bem, gostar de poesia, andar de bicicleta, ser limpo, dentre outras características, que são colocadas como se fossem elementos *gays*. A homossexualidade é vista através de características que identificam social e culturalmente o gênero feminino. São elementos performativos<sup>6</sup>, que fornecem visibilidade e inteligibilidade aos gêneros. Nesse sentido, a sexualidade é vista como uma extensão natural do gênero.

Já em relação à questão da performatividade, ela não é um ato singular e deliberado, na verdade é um produto do poder e do discurso agindo através dos sujeitos que a realizam, logo, o discurso é algo anterior que precede as vontades individuais. A performance é um agir, um atuar,

---

<sup>6</sup> Sobre performatividade, ver: BUTLER, J. Acerca del término “queer”. In: BUTLER, Judith. *Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires: Paidós, 2002. pp. 313-340.

uma repetição ensaiada, uma citação ressignificada doeu, que promove (re) interpretação e ruptura no *continuum*. Ora, o gênero nada mais é do que uma performance, pois nunca se é o mesmo sempre, há formas diversificadas de um novo e constante atuar, que pode ou não estar dentro da heteronormatividade.

Perante a todas as especulações e inações ele resolve procurar um padre e se confessar. Howied diz que é sobre a vida de um amigo dele, o qual há três anos nunca teve contato físico com a noiva e que o casamento é muito importante para a mãe dele. Apartir dessa afirmação, elenca-se uma série de agências que os discursos promovem através do esquadramento dos sujeitos acerca de sua sexualidade. As narrativas são produtos históricos, sociais, culturais e políticos, logo, suprimem, muitas vezes, as ações práticas dos sujeitos sociais através das repressões que incidem sobre eles desde tenra infância. São os discursos médicos, religiosos e psiquiátricos que produzem certas identidades, inclusive a sexual, é a palavra dita que faz emergir o sujeito homossexual. Daí a afirmação: “você é gay!”. Faz com que incida sobre o indicado uma série de constatações advindas da apropriação de certos discursos, à vista de que a homossexualidade é percebida no senso comum como sendo a procura por uma feminilidade.

O eixo do filme tem uma reviravolta: agora Howied deveria provar para si mesma sua não homossexualidade após um beijo em uma mulher. A mídia, neste caso, apresenta-se como instituição que regula os comportamentos, na medida em que tem o papel de mostrar e desvendar certos aspectos que se escondem. Nesse caso, a homossexualidade é, na maioria das vezes, colocada como algo escondido, recluso, íntimo. A mídia tem criado, de certa forma – apesar de, ultimamente, também estar retratando a questão da sexualidade de maneira mais condizente com a realidade –, uma ideia que coloca um grupo específico de pessoas em uma espécie de “caixa”, desenvolvendo rótulos e formulando padrões que devem ser seguidos socialmente. Essa imagem preconceituosa indicada pelos recursos midiáticos precisa obedecer a comportamentos, fazendo com que, com o passar dos anos, a sociedade crie estereótipos. A exemplo disso: o modo como os sexos masculino e feminino se comportam, vestimentas, modos de se relacionar e esse estereótipo, querendo ou não, apresenta-se no inconsciente coletivo, mas é moldado ao longo dos anos e, da mesma forma, pode haver uma quebra. Os estereótipos limitam escolhas e capacidades de homens e mulheres e, da mesma maneira, escondem “verdades” que já estão alicerçadas no interior dos indivíduos.

Essas passagens ficam bem esclarecidas no filme, em que os personagens mascaram a realidade pela qual estão passando.

O momento de desordem no filme acontece quando Howied é pego por um beijo de Peter, o jornalista. Perante essa cena há uma busca por uma essência, através da procura pela “verdade” de uma sexualidade de acordo com um gênero que se carrega sócio-culturalmente. O personagem Howied,

naquele momento, tentava provar para si mesmo que não seria gay e isso é justamente onde se encontra a marca do contraste. Ou seja, o fato de ter nascido homem, faz com que o filme gere essa busca pela verdade, porque ele está tentando se encontrar como uma pessoa do sexo masculino, escondendo algo que já é intrínseco à personalidade dele, mas que o próprio não aceita.

Em todo o desenvolvimento fílmico percebe-se a coesão de gênero e sexualidade como sendo uma mesma coisa, ou seja, a sexualidade como sendo a extensão do gênero. Aqui o homem é entendido como rude, viril, sem traquejo com a fala e a indumentária, com pouca inteligência, que não dança. Sendo a mulher o oposto e, para tanto, se essas características não fazem parte da performance do sujeito homem, logo, ele é gay. As características de gênero são decisivas nos apontamentos sociais sobre a sexualidade, sejam filme ou, até certo ponto, na vida real.

Estará a masculinidade ligada ao masculino, assim como a feminilidade está ligada ao feminino? Tenho que essa afirmação é bastante questionável, no sentido de que um homem pode, com igual rigor, ter uma feminilidade, e isso não o indicará como sendo gay, já que o gênero e a sexualidade são duas modalidades distintas, mesmo ambas sejam igualmente construídas socialmente. A construção social dessas questões que se relacionam à sexualidade não são inatas, embora o biótipo seja inato e os usos que se faz com esse corpo são determinados social e culturalmente.

Segundo o enredo no momento fatídico do casamento, quando Howied é interpelado sobre sua vontade de unir-se à Emily, ele responde: “Eu sou gay!”. Acerca de muitas coisas Howied confessa também em rede nacional que é uma “bichona”, um “veado<sup>7</sup>”, e dá um soco na cara de Peter. Essa revelação leva ao pai a perguntar se ele vai fazer alguma cirurgia. Segundo minha percepção, a partir da análise do filme em questão, ser gay leva automaticamente à ideia de que o sujeito queira ser mulher. Mas como já foi anteriormente explicado, uma coisa não está atrelada a outra. Uma diz respeito às práticas sexuais e a outra as identidades de gênero. Embora tenha claramente uma não reivindicação de gênero. O soco, de certa forma, pode tentar demonstrar uma espécie de masculinidade na ação, diferentemente de forçar um discurso que foi cometido, quando diz “não sou gay!”.

Outra passagem bastante interessante diz respeito ao ato da demissão do professor Howied, que é protelada com bases em argumentos biológicos, acredita-se que a homossexualidade é um dado natural que pode contagiar quem estiver por perto. Percebendo a injunção homofóbica,

---

<sup>7</sup> Esses termos veado e bichona foram utilizados por representar dentro dos estudos TransViados uma maneira de subverter a abjeção contidas nas palavras e, desse modo, positivar o termo nos países de língua latina.

através da interferência do ator, Cameron Drake, todos os moradores da cidade assumem-se como *gays*. A obra cinematográfica termina com todos dançando “*macho man*” na festa de renovação de votos dos pais de Howied. A parte final do filme do filme, a meu ver, provoca uma leitura que envolve a questão das fissuras que os questionamentos provocam na ordem estabelecida como “normal”, verdadeira, imutável. O fato de todos estarem dançando a música que outrora foi outorgada como sendo algo *gay* é uma maneira de subverter essa ordem de verdade. Emsíntese, não há nada de verdadeiro, normal e imutável que não possa ser repensado e ressignificado à luz dos questionamentos críticos das performances que os sujeitos desenvolvem cotidianamente. Como bem destacado por Foucault (1978):

[...] a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se dá o direito de interrograr a verdade sobre seus efeitos de poder e o poder sobre seus discursos de verdade, pois bem, a crítica será a arte da inservidão voluntária, aquela indocilidade refletida. A crítica teria essencialmente por função o desassujeitamento no jogo do que se poderia chamar, em uma palavra, a política da verdade (FOUCAULT, 1978, p. 04).

A esse movimento ou atitude crítica que fala Foucault anuncia um sujeito que age em relação ao que lhe governa, os regramentos sociais, às regularidades. Sendo esse movimento ou atitude que emancipa o indivíduo frente às técnicas e mecanismos de controle que regem a sociedade. Essa atitude crítica está no cerne da construção de resistência, com a produção da arte de não ser governado através do pensamento refletido.

Finalizando o texto, enquanto reflexão em relação a escolha do campo cinematográfico, cabe entendê-lo como um espaço para investigação da produção de identidades homossexuais masculinas de massa, a qual representa a percepção da imagem em movimento de forma diferenciado. O cinema é então, um campo em que não somente reproduz contextos, mas também produz significados, na medida em que representa algo existente e transforma muitas vezes, essas representações que encontramos na cultura e na sociedade como algo “naturalizado”. O espaço pesquisado não pode, pois, ser visto como aniquilador ou incitador do mal, como querem muitos pesquisadores, haja vista, que o cinema representa as sociedades e as culturas, mas também produz identidades sobre sujeitos sociais, na medida em que é um espaço social e cultural das relações de poderes. Nesse sentido, as identidades estereotipadas em torno dos homossexuais masculinos através da produção aqui analisada, não pode ser visto como verdade única. A ideia é que através dessas imagens sejam possibilitadas a construção de inúmeras perspectivas possíveis.

Apesar de não ser percebido como tal, o cinema possui um papel importantíssima na sociedade. O uso dos filmes, a depender do tema a que

estão retratando, contribuem para a educação humana, representando grande impacto social. Para que seja construída uma sociedade melhor e mais pautada na compreensão, respeito ao próximo, solidariedade e dignidade de todas as pessoas, é preciso que haja bom senso entre todos, assim como entendimento dos problemas pelos quais os cidadãos passam. O cinema, de certa forma, consegue chamar a atenção para situações e realidades pelas quais passam os seres humanos, transmitindo valores e garantindo que, em um futuro próximo, possa existir a promoção dos direitos humanos.

Além de gerar emoções e aflorar os sentimentos entre todos, os filmes acabam gerando grande impacto entre as pessoas. Diversas obras cinematográficas podem ser utilizadas, inclusive, nas salas de aula, para que sejam trabalhadas algumas disciplinas pelos alunos, sobretudo aquelas que dizem respeito aos direitos humanos. O espectador consegue, através dos filmes, refletir e, principalmente, desenvolver o senso crítico para problemas sociais e, nesse caso, as questões que envolvem a homossexualidade e o preconceito das pessoas para com os *gays*, gerando medo nos próprios homossexuais em revelar seus sentimentos. É preciso, assim, que haja o bom senso por parte de todos, para que esse e outros problemas que existem na sociedade possam ser resolvidos, permitindo boa convivência e qualidade de vida entre os seres humanos, sobretudo aqueles que são menos valorizados e excluídos da sociedade. Os *gays* sofrem, hoje, muita discriminação e, em muitos casos, violência e assassinato, por serem encarados como problemas para os demais cidadãos. Os filmes podem, dessa forma, abrir a mente das pessoas, para que hajam maiores discussões acerca dos assuntos, levando-os a outros campos e promovendo uma educação mais humana e solidária.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**: sobre o processo de uma estrutura de dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

BUTLER, J. Acerca del termino “queer”. In: BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan**: sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002. pp. 313-340.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1978.